



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  

---

PRESIDÊNCIA  

---

DA REPÚBLICA

*Pronunciamento pela televisão,  
na noite de 31 de março de 1974, dé-  
cimo aniversário da Revolução.*

## Brasileiros

Completa-se hoje um decênio desde aquela radiosa alvorada de fé cívica e convicção democrática que foi o Movimento Revolucionário de 31 de março de 1964.

Volvamos o pensamento ao caótico passado, extinto àquela data, para medir a longa e difícil caminhada ascensional que, mediante duros sacrifícios patrioticamente consentidos e uma crença inabalável em melhores dias, desse passado nos trouxe à esplanada de estabilidade e de ordem, de atividade criadora e de realizações fecundas, a que os Governos da Revolução souberam conduzir o país.

É dever das gerações mais velhas recordar, aos que não viveram tão aziagos tempos, o que foi o pesadelo, a angústia que amortalhava os corações bem formados, na vigília prolongada ante a agonia da Nação que parecia já ferida de morte.

O reexame importa, sobretudo, à juventude de hoje, esperançosa e idealista, que, na

época, não dispunha de olhos capazes de avaliar o abismo de inépcia, perplexidade, corrupção e desordem em que soçobravam todas as instituições da sociedade brasileira, ao vendaval destruidor desencadeado pela irresponsabilidade demagógica e mistificadora daqueles que então nos governavam.

Os mais caros valores éticos e sociais deterioravam-se. Uma hiperinflação, descontrolada e mesmo estimulada, aniquilava, por sua vez, todos os padrões da economia. O trabalho não tinha valor. A própria terra — patrimônio tão real e indiscutível — esvaía-se de significação ante as ameaças cotidianas de injustificadas expropriações e invasões de massas insufladas pelos agentes da desordem. A vida nacional era continuamente perturbada por paralisações em suas atividades essenciais. A semântica tortuosa dos demagogos transmudava o mal em bem e o bem em mal, prenunciando a trágica noite do naufrágio de nossas mais puras tradições culturais.

O espetáculo dos tumultos e do terrorismo amoral e desenfreado que, ontem e hoje, vem agitando outros povos, nas mais variadas latitudes, observado à distância, sem emoção, por quem efetivamente dele não participa, poderá dar pálida idéia, apenas, do que sofremos, nós brasileiros conscientes e temerosos pela destruição da Pátria, naqueles idos perversos de 1963/64.

O povo, através de suas mais autênticas expressões — a igreja de Cristo, a impre-

sa responsável, autênticas lideranças políticas, associações de classe e associações de cultura — e as Forças Armadas que são povo também — irmanaram-se afinal para a cruzada da redenção. Os militares, naturalmente muito mais alertas e sensíveis — por vocação e dever de ofício — aos perigos que se avolumavam, embora já profundamente atingidos pela indisciplina e subversão da hierarquia fomentadas pelo Governo, souberam aguardar, em tensa expectativa, manifestações inconfundíveis da vontade popular, para que não se lhes imputassem desvarios de prepotência, nem ilegítimas ambições de poder.

Confiaram nas virtudes patrióticas de nosso povo, generoso e ordeiro. O povo, de seu lado, confiava nas Forças Armadas, consciente de que elas não o abandonariam ao cataclismo devastador do totalitarismo comunista. Chegamos, assim, à madrugada de 31 de março; ao triunfo total, surpreendentemente rápido, sobre as forças desatinadas da anarquia; às grandes proclamações de massa, exultantes em sua liberação do tremendo pesadelo.

Foi o momento supremo da comunhão entre Povo e Forças Armadas que nos tem sustentado ao longo deste árduo decênio, apesar de todos os inevitáveis percalços, de obstáculos sérios a vencer, por vezes irremovíveis, de naturais erros cometidos até de boa-fé e, sobretudo, da subversão multiforme, sempre à espreita.

Foi momento fulgurante que nos ilumina até hoje, culminância de um consenso quase geral

que, brusca e decisivamente, se sobrepôs, como um raio de verdade e de fé, à polarização entre doutrinas e crenças visceralmente antagônicas.

Momentos como esse têm sido raros em nossa vida republicana, na qual apenas outubro de 1930 representa, também, um marco tão decisivo na história da Nação.

Muito áspera foi e está sendo a jornada que vivemos a partir de 1964. Os resultados alcançados são, porém, indiscutivelmente, positivos, marcantes mesmo. Não há como honestamente negá-los.

Embora as estatísticas — na sua desnuda e crua linguagem aritmética — mostrem o quanto há de desigualdades, de carência ainda, de miséria até mesmo, no complexo espectro da vasta e pluralista sociedade brasileira, a nossa pujança, apesar de tudo, não é desmentida, antes comprovada, pela sobrevivência e capacidade de real progresso em tão rudes condições de vida e de trabalho. O que vale, em verdade, é comparar a situação atual com a que existia em princípios de 60 e mensurar, adequadamente, a extraordinária distância percorrida. E, mais ainda, verificar quanto resta por fazer-se e a construir, para a maior grandeza da Pátria — poderosa, democrática e justa — e o crescente bem-estar de nosso povo.

Prossequiremos, pois, com o apoio de toda a gente de nossa terra — que esperamos merecer, pela firmeza e honestidade de propósitos —

na obra magnífica e histórica da criação do Brasil de amanhã.

Que o dramático episódio, há dez anos vivido; seja confortadora lição e estímulo sempre presente, para que nunca mais permitamos que o sopro da insânia e da violência subversiva, dividindo tragicamente a Nação, nos leve às portas da falência e da ruína — a ruína e a falência melancólicas de um povo jovem que ainda não encontrou seu justo lugar na história da humanidade. Mas que, mercê de Deus e pelo seu próprio esforço tenaz, certamente haverá de encontrá-lo em futuro próximo.